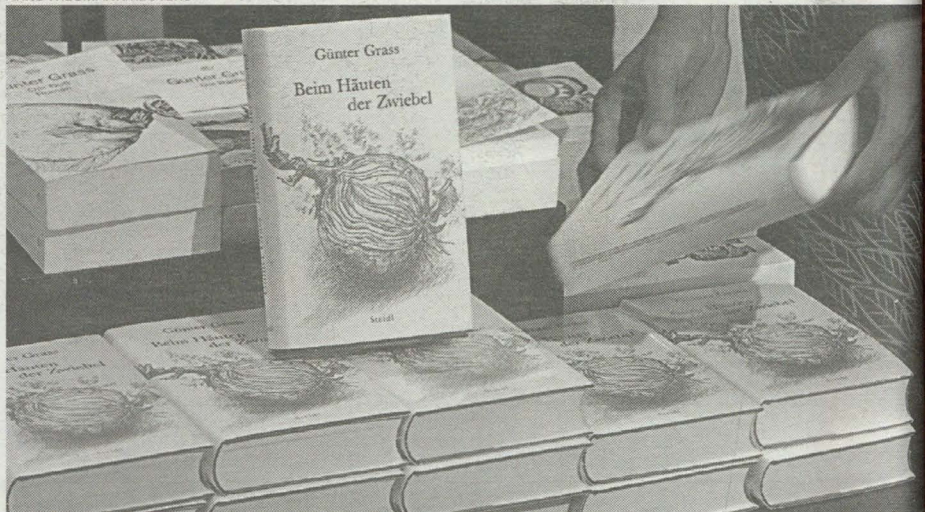


Polémica autobiografia de Günter Grass quase esgotada

ARND WIEGMANN/REUTERS



Mais de 130 mil exemplares vendidos em dois dias. Escritor recebeu o apoio de Salman Rushdie

LUCINDA CANELAS

A autobiografia do escritor alemão Günter Grass, *Descascando a Cebola*, já vendeu mais de 130 mil exemplares, disse ontem um representante da sua editora, a Steidl. É um *best-seller* e bastaram dois dias para que a primeira edição do novo livro do Nobel da Literatura ficasse praticamente esgotada. Ao fim do dia sobravam menos de 20 mil volumes nas livrarias alemãs, austríacas e suíças.

A Steidl, que por causa das polémicas confissões de Grass decidiu antecipar duas semanas o lançamento da autobiografia, anunciou para muito breve uma segunda edição, de 100 mil exemplares.

O escritor – um dos mais importantes intelectuais alemães, pacifista e defensor das políticas de esquerda – revelou a semana passada, numa entrevista ao jornal alemão *Frankfurter Allgemeine Zeitung*, que aos 17 anos (entre Fevereiro e 24 de Abril de 1945) pertenceu às Waffen-SS, o braço armado da unidade de elite do regime nazi, considerada uma organização criminosa no final da Segunda Guerra Mundial.

Por causa desta confissão que muitos consideram “tardia”, sobretudo depois de o autor d’*O. Tambor* se ter assu-

Acusam Grass de golpe publicitário por ter dito que pertenceu às SS pouco antes de o seu livro

mido, nos últimos anos, como uma “autoridade moral” no debate sobre a forma como a Alemanha deve lidar com o seu passado nazi, Grass foi atacado por diversas personalidades, desde o ex-Presidente polaco Lech Walesa a autores como Joachim Fest, o seu biógrafo Michael Jürgs ou o crítico literário Hellmuth Karasek.

Gigante literário

Os que o acusam de “oportunismo” dizem que foi um golpe publicitário ele ter escolhido para a revelação as semanas imediatamente anteriores ao lançamento da obra – previsto para 1 de Setembro. Charlotte Knobloch, presidente do Conselho Central dos Judeus da Alemanha, deixou-o bem claro: “O facto de esta confissão tardia ser feita pouco tempo antes de publicar um novo

livro levanta a suspeita de que se trata de uma manobra de relações públicas.”

Os que defendem Grass também se têm feito ouvir. Ontem, recebeu dois importantes apoios – o do escritor indo-britânico Salman Rushdie, autor dos *Versículos Satânicos*, e do intelectual polaco Adam Michnik. À BBC Radio, Rushdie confessou estar “desiludido” com a confissão de Grass, mas acrescentou que ela não faz dele um hipócrita nem afecta a sua obra. “O seu estatuto vem do facto de ele ser um gigante no mundo literário. Grass continua a ser hoje o grande escritor que era há uns dias atrás.”

O autor, que fez questão de frisar que não deixará de ser amigo de Grass, atribuiu a sua participação nas SS a um “erro de juventude” e comparou a situação gerada pela confissão

à de autores hoje considerados génios da literatura. “Não deixamos de ler Céline apesar de ele ter sido anti-semita quando era adulto. Não deixamos de ler Ezra Pound, que era um simpatizante nazi.”

Para Michnik, figura importante da transição do comunismo para a democracia na Polónia, Grass sempre denunciou o nazismo nos seus romances, ensaios e entrevistas. “Durante anos, a Polónia não teve um amigo na Alemanha mais sério e mais desinteressado do que ele”, escreveu no editor de um dos mais importantes jornais polacos. “Será assim tão difícil para nós, polacos, compreender o drama de uma geração de jovens alemães que foi enganada pela propaganda totalitarista nazi?”, perguntou o director do diário *Gazeta Wyborcza*. ■